



As We Fade

SAODAT ISMAILOVA

10.09.2025 - 22.11.2025

A Kunsthalle Lissabon tem o prazer de apresentar “As We Fade”, uma exposição individual da cineasta e artista visual uzbeque Saodat Ismailova. Em exibição de 10 de setembro a 22 de novembro de 2025, esta exposição apresenta-se como uma instalação cinematográfica de dois canais. A exposição convida ao envolvimento com a complexa história dos rituais sagrados, imposições políticas e transformações culturais da montanha Sulaiman-Too. Uma narrativa cativante e instigante que levanta questões sobre como o poder estatal, as ruturas históricas e o passar do tempo alteram os locais sagrados, questionando o que é lembrado ou apagado e o que resiste ao esquecimento.

No filme *As We Fade*, Ismailova traça a complexa história da montanha Sulaiman-Too, o mais antigo local de peregrinação da Ásia Central, cujo nome provém da lenda local segundo a qual o profeta Sulaiman ali teria descansado. Erguendo-se da região de Fergana, na cidade de Osh, no Quirguistão, a montanha tem servido como ponto focal para a vida espiritual da comunidade local e das pessoas que se deslocam até lá ao longo dos séculos. Evidências arqueológicas revelam que a montanha é venerada há mais de um milénio, com vestígios de culto pré-islâmico ainda visíveis em pinturas rupestres e santuários em cavernas. No período islâmico, mesquitas e rotas de peregrinação foram estabelecidas, tornando Osh um ponto importante ao longo da Rota da Seda. Durante a era soviética, os esforços das autoridades para proibir as práticas religiosas em Sulaiman-Too alteraram o seu carácter sagrado. A caverna mais venerada, Rusha-Unkur, foi convertida num restaurante modernista, juntamente com um miradouro panorâmico no seu cume. Posteriormente, foi reaproveitada como museu histórico e arqueológico nacional. Apesar dessas intervenções, a montanha manteve o seu significado espiritual, continuando a atrair pessoas em peregrinação e pesquisa, movidas pelos rituais de cura, tradições orais e crenças cosmológicas incorporadas nas suas pedras.

Sem narração ou legendas didáticas, Ismailova tece perfeitamente imagens de arquivo de rituais realizadas em diferentes partes da montanha, que remontam a 1929, apresentando cenas das primeiras expedições etnográficas soviéticas na montanha, incluindo a transformação dos espaços sagrados em infraestruturas seculares, juntamente com imagens observacionais contemporâneas do interior do museu e da paisagem circundante. O filme, com 19 minutos de duração, é projetado sobre vinte e quatro painéis de seda suspensos, produzidos em Margilan — um para cada frame por segundo —, fazendo com que as imagens e observações da paisagem se desloquem e esbatam à medida que o público percorre o espaço. Como é que a memória se desvanece? A linguagem? As histórias e os traumas? Aqui, a exposição aborda a representação material da narrativa visual através da projeção de luz sobre a superfície do antigo ofício da tecelagem da seda do Vale de Fergana, um vale que viveu as transformações mais complexas durante os anos da política soviética na região. O som ambiente, o vento através da pedra e vozes distantes sublinham a tensão entre o que se pretendia e o que perdurou, ecoando a opinião local de que a transformação de um local sagrado num local de lazer não poderia ser sustentada; um ato de dessacralização demasiado profundo para permanecer por resolver.

Juntamente com o filme, a exposição apresenta “The Mountain Our Bodies Emptied”, uma escultura que toma a forma de um molde de resina em escala reduzida baseado em digitalizações LiDAR (Detecção e Alcance de Luz), uma tecnologia que utiliza luz laser para criar modelos tridimensionais precisos de superfícies, da caverna Tamchi Tomar, a caverna mais ativa e venerada da montanha. Durante séculos, neste local, as pessoas procuravam a cura inserindo ou pressionando partes do corpo nas suas cavidades naturais, acreditando que as depressões da montanha podiam absorver a dor ou curar aflições. Estes gestos, repetidos ao longo de gerações, moldaram a superfície da pedra e a compreensão do local como um limiar entre os mundos material e espiritual. A superfície translúcida da escultura captura tanto a forma geológica da caverna quanto a sua ressonância ritual. Juntamente com o filme, a escultura amplia a reflexão de Ismailova sobre o significado enraizado em locais sagrados, onde a presença física e espiritual, as memórias coletivas e as imposições culturais deixam as suas marcas, mesmo quando os seus significados são contestados.

Apresentada em Lisboa, uma cidade moldada por ciclos coloniais, de comércio e renovação urbana, “As We Fade” reflete sobre como os locais de culto, reunião, comunidade e património são adaptados, substituídos, tomados ou recuperados ao longo do tempo. Neste contexto, o trabalho de Ismailova leva-nos a refletir: quando o significado original de um local é obscurecido, que evidências permanecem do seu passado espiritual e como o testemunho ativo pode ajudar a recuperar traços da memória coletiva? O que permanece e o que desaparece?

